



N.º 17 — LISBOA, 7 DE MAIO

1.º ANO 1903

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quartas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois d' publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 um. 1\$000 rs.	Brazil, anno 52 nu.neros..... 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 500 rs.	Africa e India Portuguesa, a no 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 500 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

111, Rua do Norte, 111

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua de Almada, 32 e 34

## SHAKE-HANDS INTERNACIONAES



Viva o Rei!  
God Save the King!

Viva a Republica!  
Vive la republique!

## PEIXE

Coquelin acaba de chegar e ainda não tinha aberto os olhos á manhã de chuva que o acolheu n'esta sua segunda viagem ao nosso paiz, quando uma nuvem de jovens publicistas, precipitando-se de lapis em punho sobre o wagon que transportava aquella grande gloria da scena franceza, punha em contribuição, sem perda de tempo, o artista e as suas opiniões sobre arte, o homem e a sua philosophia, o cidadão e as suas crenças, o *touriste* e as suas impressões, o viajante e os seus precalços, o empregario e os seus negocios, o seu rosto onde tão bem assentam as mascaras de Molière, o seu nariz que pela segunda vez immortalizou Cyrano, o seu fato de cheviote, a sua certidão de idade, as suas malas de couro, as suas navalhas de barba, o seu *couvre-pieds* e o seu *Be-decker*, n'um tão febril accesso de curiosidade e inquirição que ao apparecerem os jornaes, na tarde d'esse dia, ainda gaguejantes de commoção e humidos de tinta fresca, o publico attonito não soube distinguir bem de quem se tratava — se do ex-societario da Comedia Franceza, se do amigo de Gambetta, se do socio de Sarah Bernhardt, se do partidario de Waldeck Rouseau, se de Tartufo, se de Mascarillo, ou, simplesmente, se de um homem sobrecarregado de fadiga e de somno, queixoso dos callos e da Hespanha ferreo-viaria — tantos foram os aspectos por que esses activos publicistas procuraram surprehender-no no curto espaço que medeia entre Santarem e Lisboa.

Foi só mais tarde, reconstituída a personalidade do illustre comediante, por algumas horas de reflexão e de somno, que o publico poudo emfim averiguar que quem estava realmente no seio da sociedade e das instituições portuguezas era — Coquelin.

Tirado de baixo dos seus admiradores, Coquelin appareceu emfim sem lesão de maior, deslustrante de gloria, e nós todos podemos saudal-o como a mais pura expressão do genio francez, na scena do theatro, dando-lhe largamente a mão e offerecendo-lhe além das nossas homenagens — arnica.

Ficou no entanto assim estabelecido que Portugal é um paiz hospitaleiro. Elle, com effeito, vae ao encontro dos estrangeiros que o visitam e não poucas vezes os acompanha á fronteira.

Mas ficou realmente bem estabelecido o seu espirito de hospitalidade?

A nosso ver, n'estas amaveis recepções, se ha uma parte legitima de hospitalidade, ha uma outra de amor-proprio, que as naturezas meticulosas não podem deixar de considerar.

Com effeito, se a nação procura conhecer os seus estrangeiros, não é menos certo que, por outro lado, activamente procura tornar-se conhecida.

As nações, como os homens, aborrecem a obscuridade.

Longamente Portugal jazeu no esquecimento. Geographicamente perdido na confusão dos estados peninsulares, elle parecia soterrado debaixo do entulho da sua velha historia. Os sabios, os economistas, os letrados, os artistas, os viajantes pareciam tel-o olvidado. Depois de Edgard Quinet e da primeira Rattazzi nenhum nome illustre attestara a sobrevivencia d'este antigo povo, impaciente por desembaraçar-se do seu passado e por entrar alegremente n'uma existencia mais contemporanea e conforme aos seus gostos de civilisação. Era frequente apparecermos ás vistas europeias, como sendo apenas e nada mais do que os confins remotos da Hespanha occidental. Secretamente, com a convicção de alguns males internos, pungia-nos o desgosto de não sermos uma nação falada, e ser falado é — todos o sabemos — a bem moderna preocupação do espirito dos nossos dias.

Subito, começamos a ser falados. Foi quando nas ruas de Paris, appareceram os primeiros cartazes Reillac. Houve certamente indignação, mas — porque não reconhecel-o? — houve tambem regosijo. Os sentimentos humanos tem, como os paletots, um forro. — Com a maligna propaganda do conde de Reillac, entramos na publicidade. O descredito é tambem uma das formas da notoriedade.

Succederam-se perturbações intestinas, uma crise economica, a saída do ouro, o cambio — e todos estes novos factos derramaram uma nova e maior luz sobre nós.

N'isto, o Gungunhana consente em se fazer aprisionar em Africa. — D'um golpe, saímos da treva antipathica. A imprensa de todos os paizes mostrou-se interessada em nos conhecer profundamente. Alguns *reporters* vieram até nós e deram amenas relações de nós nos seus jornaes. Foi por essa occasião que appareceu n'um museu de Paris um abano de cozinha, complicado d'estes dizeres: *Eventail fait par les sauveager de la province de l'Algarve* (Portugal). O *Tour du Monde* então decidiu-se e publicou algumas gravuras do Terreiro do Paço.

Mais tarde, algumas epidemias propicias favoreceram este movimento de curiosidade universal. Veio a peste. A peste fundou-nos mais solidamente na consideração dos povos. A sciencia cosmopolita veio ás margens do Douro, como já fôra ás margens do Ganges, e nós fizemos um grande numero de victimas na imaginação do mundo conquistado á causa da nossa expansão.

Entretanto, o visconde de S. Luiz de Braga entrava em revelação. Os Jeronymos tinham um interesse unicamente archeologico. Lançou-se as bases do theatro D. Amelia.

Sobrevieram os artistas de todo o mundo. A Italia mandou a Duse, a França a Rejane, a Grenier, a Jane, Hading, immediatamente após a grande Sarah. O *boulevard* emprehendeu Lisboa e um dia veio, com o Theatro Livre, o Antoine. Tinham já vindo o Emmanuel, o Zacconi, o Coquelin, como remotamente o Rossi e o Salvini.

Faltava, porém, alguma coisa e o sr. Almada Negreiros teve o seu advento.

Portugal — esta é a questão — procura fazer-se uma clientella no apreço universal. Na sua qualidade de paiz maritimo, elle procura muito legitimamente — vender o seu peixe.

JOÃO RIMANSO.



## Garrett

Está-se dando o curioso facto de os padres se recusarem, um a um, a discursarem na cerimonia da trasladação de Garrett.

Um amigo meu admira-se e faz-me a confidencia da sua admiração.

Acho o caso natural.

Um padre é para falar de santos e santas, de milagres e lérias divinas, e não de assumptos profanos, quer sejam coisas quer pessoas.

Garrett foi um profano na mais lata accepção da palavra. Se algum tempo da sua vida consagrou a Deus, o que não está averiguado, está averiguadissimo que a maior parte d'elle — o consagrou ao Diabo.

\* \* \*

Honra lhe seja. Femeieiro até morrer: homem do mundo, a ponto de esquecer graves questões politicas, pela vista de um corte de colete — da ultima moda.

Amou inglezas, francezas, portuguezas, a ponto de quasi poder cantar, como na opereta:



Italianas,  
Circassianas,  
Peruvianas,  
De tudo amei!

Não consta que collaborasse no *Flos Sanctorum*, nem escrevesse a vida de nenhum santo, — em separado.

Em vez de edificar um templo a S. Qualquer Coisa, ou a qualquer viscera divina, limitou-se a edificar o Theatro de D. Maria II, templo de perdição e de peccado.

Combateu o Miguelismo, o governo de Deus, e apoiou José Estevam no discurso contra as irmãs da caridade.

Foi homem de livre pensar, preferindo sempre — o impio! — uma ceia em gabinete reservado a uma novena em S. Luiz Rei de França.

Nunca ninguem o viu escrever um artigo a elogiar Santa Rosa de Viterbo e fartou-se de render homenagem, pela palavra e pela escripta á *Emilia das Neves*, a linda *Emilia* como a cognominara a concupiscencia das multidões.

Attaca os Jesuitas na *Sobrinha do Marquez* e impreca as profissões no *Frei Luiz de Souza*.

Nunca fez um milagre: nem deu voz a mudos, nem vista a cegos, nem salvou o pae da fôrça, nem falou ás tainhas do Tejo, nem ás ostras do Montijo.

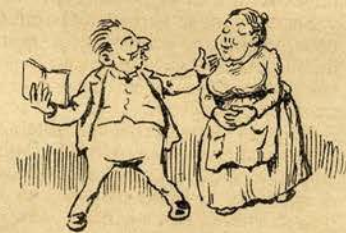
A estas limitou-se a comel-as.



Não tem pois predicado nenhum divino a não ser o seu bello talento.

Chamaram lhe — o divino — para o distinguir das bestas que o cercavam e não porque da frente, acariciada pelos tres chinós de grenha progressiva, saíssem os resplendores que, parece, (segundo os quadros) era de uso — n'outros tempos — repucharem das pinhas santas.

Os seus versos são o que ha de mais peccaminoso e lascivo. Cheiram a sáias, a crinolinas, a rendas caras, a perfumes femininos. Falam de beijos, de abraços, de fascinações, de extasis, o que quer dizer, nas entrelinhas, — uma clara guerra ao sexto mandamento da Igreja.



Emfim, em toda a sua vida e toda a sua obra, não ha uma nota de carolice: não consta que fosse irmão do *Senhor dos Passos* nem primo de S. Francisco.

Janota, conquistador enamorado e impio, o que havia de dizer d'elle um ministro do Senhor?

Os padres teem razão.

Aquelle *Justus deduxit Dominus per vias rectas*, com que o suave Malhão abriu o panygirico do conde de Barbacena, não quadraria n'este Visconde frecheiro e postiço, mundano até á raiz dos cabellos:

Nem no ceu estrellas,  
Nem na terra flôres,  
Me parecem bellas  
Como os meus amores.

Os padres tem razão.

\* \* \*

Quem a não tem é o sr. conde de Valença, quem a não tem é a comissão, que depois de andar a desrespeitar o cadaver do poeta, dando-lhe um destino contrario á expressa vontade d'este, ainda anda a solicitar concursos de padres para a trasladação.



Que tem que fazer o padre n'esta passagem?

E' preciso assentar claramente que os *Jeronymos*, são, quando recebem os restos dos grandes homens — não uma igreja — mas um pantheon.

Quero dizer, uma casa como qualquer outra, profana; — uma casa da nação, do paiz.

Tem claustros, como podia ter piscinas; é templo como podia ser um circo romano.

O padre e o seu latim não tem lá que fazer. A immortalidade civil não é assumpto dos livros santos; são outros os seus evangelhos, outros os seus levitas.

Repellem-se, até.

Pede-se, pois, o favor de nos pouparem ao ridiculo spectaculo de se andar atraz dos padres a mendigar um favor que elles recusam, com a sua alizez digna dos seus velhos habitos e do nosso desprezo.

A festa é d'hoje, clara, moderna; festa de arte, de luz, de gente; não mette velhos, dispensa fosseis.

E, acabe-se a corrida.

# O TRIBUTO DO CONSELHEIRO

## PANTHEON



Gloria aos que trabalham!... Dobrada aos que sabem trabalhar!...

«CONDE DE VALENÇAS»



**Rua**

Um juiz, no tribunal da Boa-Hora, — este tribunal tinha um lindo nome para parteira — no julgamento de uns hespanhoes, quando o dr. Alexandre Braga criticou a policia, disse para um official: — ponha aquelle senhor na rua!  
E vae um!



Segue-se o dr. Lomelino que se arrisca tambem a fazer umas considerações sobre a accção policial e o mesmo juiz, grita ao mesmo official: — ponha aquelle cavalheiro no meio da rua!  
E vão dois!



O julgamento continúa, no meio do passo dos assistentes e dos jurados. Estes como pouco conhecedores dos se gredos dos codigos, embirram com aquella attitudie tragica do juiz, ou imaginam estar na ordem do dia — como na camara — o ir tudo para a rua, e quando chega a vez de lhe perguntarem se os reus devem recolher aos seus calaboiços, erguem-se na sua funcção de juizes e... rua com elles.



E vão... todos!  
Aquelle tribunal da Boa-Hora podia muito bem chrismar-se em tribunal da Boa Pandegge  
Estava mais certo.



**Visita**

Como Eduardo VII, visitará Leão XIII.

«Em 29 do corrente, Eduardo VII, hospede do Quirinal, despedir-se ha officialmente do Rei e da Rainha d'Italia, que o acompanharão, não até á «gare», consoante o uso, mas até á embaixada d'Inglaterra. N'esse palacio o rei está, por definição, fóra do territorio romano, achando-se em paiz inglez, pelo direito de extratorritorialidade. Vestirá um outro uniforme e dirigir-se ha ao Vaticano em equipagens de gala do embaixador, mas sem escolta de soldados italianos, sem que as tropas façam alas á sua passagem, exactamente como succedeu outr'ora com o Imperador Guilherme II.

Depois da visita ao Pontifice, o rei Eduardo irá directamente á «gare» sem tornar a passar pelo Quirinal.»

Feita a coisa assim pode entrar o protestante.

Mas não é comica a passagem?  
Esta visita define a Igreja.  
Foi sempre assim: uma casta e pudibunda matrona, cheia de subtilidades.

De modo que o rei dentro da casa da embaixada ingleza está por definição fóra do territorio romano; e acha-se em territorio inglez, por direito de territorialidade!

Ora aqui está a razão porque a menina está muda!

O rei Eduardo deve achar immensa graça a tudo isto. O que eu lhe admiro é a paciencia.



**Saudades**

Que saudades eu tenho d'essa aurora  
Que n'outro tempo alegre me sorria,  
Quando eu com a rolicca Anna Maria  
Pisava os campos da divina Flora!



Que saudades que eu tenho d'essa nora  
Que chiava bucolica poesia!  
Que saudades dos versos que uma tia  
Me estava a recitar a toda a hora!



Que saudades do tempo em que uma falta  
Eu não via nos dentes nem farripas,  
Em que, em vez de parrana, era um peralta!

Que saudades do amor atraz das pipas!  
Que saudades da santa e alegre malta,  
Fregueza do Zé Gordo, e Horta das Tripas!



**O diabo do progresso**

Estas invenções modernas  
Tanto prestam ao paiz,  
Que até pode ser feliz  
Um homem que não tem pernas!



Já ninguém na nossa terra,  
Por mais que tenha vigor,  
Pensa em sublr uma serra  
Se não acha elevador.



O que quer ir para a Graça,  
E é homem de gambia forte,  
Espera a vêr quando passa  
No electrico... a sua morte!

Pois já tivemos canellas!...  
E a sua rigesa provo-a  
No dizer que eram d'aquellas  
De vencer légoa da Povoá!

Corremos montes e valles  
E olivae de Santarem...  
Hoje manda o cão te rales,  
E já o pobre quer trem!

Para que descaço goze  
Todo o fraco quer carrinho...  
Mas D. Tuberculose  
Não arrepiá caminho!

Agora a fibra está pôdre,  
O homem parece a mulher...  
Por trocar o sumo do ôdre,  
Pelo xarope Gibert!

Se até a luza nação,  
Mandando ao diabo a caleça...  
Fez esquecido o rifão:  
De vagar que temos pressa!!!



**OUTRA NA FERRADURA**

Noticiam os jornaes :

«No juizo d'instrucção criminal vão fazer-se as seguintes modificações :

A secretaria, que estava installada no segundo pavimento, lado norte, passa para o primeiro, lado sul, junto ao gabinete dos cadastros e contigua ao gabinete do sr. conselheiro Veiga. A sala dos interrogatorios da primeira secção e do respectivo pessoal, que estava installada no segundo pavimento, lado sul, passa para a sala onde estava a secretaria, etc.»

E eis tudo quanto, em materia de liberdade, se obteve do governo ácerca do juizo de instrucção criminal,—uma mudança.

Para este resultado era inutil pôr-se em contribuição tantas consciencias revoltadas. Alguns moços de frete, desde logo, bastavam.



Noticias dos insubordinados do Porto :

«Quando lhes foi fornecido o primeiro rancho, não só o comeram todo, como tambem o que sobejou das praças da guarnição do navio, continuando a manifestarem tambem durante toda a viagem vontade de comer que excedia o normal.»

O que por esta noticia se pretende naturalmente provar é que não ha nada que abra mais o appetite do que um castigo severo.

De resto está provado que só a Felicidade é dispeptica. O Infortunio é capaz de digerir pedras.



Ultimos echos do julgamento dos hespanhoes.

Interrogatorio de Villanueva :

—E por que teve um desmaio, quando lhe mostraram a toalha com as iniciaes A. C.?

E tive o desmaio porque, n'esse mesmo momento, me participaram que a minha familia estava presa. E em nome da minha honra, desmaiei.

Foi um desmaio por procuração.



O sr. Fuschini em Setubal :

«Tem em seguida a palavra o sr.

Fuschini—E' só accidentalmente um deputado e fundamentalmente um engenheiro.

«E' engenheiro, repete, e engenheiro ha de morrer.»

Ser fundamentalmente engenheiro já é curioso. Ser engenheiro e morrer engenheiro, e não morrer medico, advogado, ou veterinario é então curiosissimo.

O sr. de la Palisse, que o era fundamentalmente, morreu sr. de la Palisse—e por isso se tornou immortal, apesar de ter morrido.

Emfim o sr. Fuschini é, em tudo singular.

Ao encontro de Coquelin :

—E' entusiasta, ou frio, o publico de Lisboa? perguntou Coquelin mais novo.

—Plutôt timido! — diz que respondeu um jornalista.

Conclue-se d'este pedaço de dialogo que Coquelin mais novo falava portuguez, emquanto o seu interlocutor falava francez.

E' excellente — mas quando nos chegarmos a entender?

O FERRADOR.

**Safa, mentirosos!**

Quem nos chamar indigentes De ter a cabeça óca Dá os signaes mais patentes, Mente com todos os dentes Que lhe nasceram na boca.

Enfarrusca-se a creada Quando mexe na carvoeira; Mas sáe á rua enfeitada Como a dama afidalgada Que em casa a tem por sopeira.



Aos caixeirinhos caloiros Sobeeja-lhe muito a massa, Pois quando elles vão aos toiros Ou vão ao Poço dos Moiros, Logo alugam trem de praça.

Uns certos negociantes Vão por tão boa vereda, Que têm mulheres, amantes, E todas ellas chibantes, Com bons vestidos de seda.

O que se debulha em pranto Se os tributos vae pagar, Fuma charutos de espanto, E nos theatros de canto Toma o primeiro logar.



As jovens, lindas ou feias, Mudaram o antigo plano Usado pelas aldeias; Já não arremendam meias, Mas todas tocam piano.

Isto marcha! isto consola, Promette e muito dará!... E não será mentirola Ser o que pede uma esmola, Tão rico como o que a dá.



Viva o povo portuguez!... Temos dinheiro a sobrar!... Carradas de sensatez!... Só falta sarna, talvez, Em quem se queira coçar.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

Aviso ao publico

Segundo communicação recebida da Companhia dos Caminhos de Ferro de Madrid a Zaragoza e a Alicante, encontra-se aberto á exploração o trajecto de Daifontes a Albolote, na linha de Moreda a Granada (caminhos de ferro do Sul de Hespanha), podendo admittir-se passageiros e expedições de todas as classes para a nova estação de Albolote em eguaes condições que para as demais d'aquella secção.

Lisboa, 23 de Abril de 1903.

O director geral da Companhia Chepuy.

**Callista pedicuro**



JERONYMO FERNANDES Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 48, 1.º (Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos. Pedese ao publico que visite e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que alli se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

**Pasta Dentifrica Hygienica**  
Preparada na PHARMACIA DE Julio do Nascimento 45 Rua da Prata 117 LISBOA

Ourivesaria e Relojoaria com officina anexa de fabrico e concertos

**FLORINDO**  
Jóias com brilhantes Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

**TABOLETAS**

Em todos os generos, dourados, pintura e gravura em vidro, letras de zinco em relevo, etc.

**FRANCISCO SANTOS**

R. do Gremio Lusitano 41, 43,

# COQUELIN



Nós te saudamos, grande artista,  
que nos trazes das margens do Se-  
na, as seguranças e as consolações  
do teu génio singular!